



IMAGENS E METÁFORAS CIDADINAS: ASPETOS DAS CONFIGURAÇÕES DO ESPAÇO

IMAGES AND METAPHORS OF THE CITY: SOME ASPECTS OF SPACE CONFIGURATIONS

Maria João Simões*

80

Resumo: As preocupações contemporâneas acentuaram a necessidade de pensar o espaço sob vários ângulos e perspectivas. Esta importância dos aspetos espaciais não escapou aos escritores que intuíram o seu relevo de uma forma ou de outra e com mais ou menos intensidade. Uma das vias de acesso para perceber como os ficcionistas deram atenção à dimensão espacial passa pelo exame das imagens e metáforas espaciais delineadas pelos escritores nas suas configurações literárias. Para atingir esse objetivo, a recente “viragem (ou virada) espacial”, trouxe um conjunto de contributos filosóficos e epistemológicos fundamentais para repensar o espaço. O pensamento sobre o espaço, marcado por pensadores dos anos 70, como Lefebvre, ou filósofos marcantes das décadas de 80 e 90, como Foucault, ganha novo alento em estudiosos contemporâneos, como Tallys Jr., e Westphal. À luz de alguns destes contributos, este estudo visa abordar alguns aspetos dessas configurações das imagens espaciais, apontar algumas metáforas cidadinas utilizadas pelos escritores e observar as cartografias desenhadas nas ficções. Servirão de base para estas reflexões algumas narrativas e ficções breves de Mário de Carvalho, Lídia Jorge, Murilo Rubião e Rubem Fonseca.

Palavras-chave: Espaço literário; cidade; bairro; limiar.

Abstract: Contemporary social problems have emphasised the need to rethink space under new perspectives or angles. The importance of spacial facets was noticed by writers who perceived their relevance in more than one way and with more or less intensity. One of the possible ways to understand how writers considered the dimension of space is to examine the spacial images and metaphors used by them in their literary constructs. For this purpose, the recent “spacial turn” creates a set of fundamental philosophical and epistemological ideas, in order to rethink space. Previous considerations on space, mainly by philosophers from the 70's, such as Lefebvre, or important philosophers from the 80's and 90's, such as Foucault, get a new refresh by contemporary thinkers, such as Tallys Jr., and Bertrand Westphal. In view of some of these ideas, the aim of this study is to focus on some of the aspects of these spacial images and their configuration, as well as to highlight some of the city metaphors that writers use and look into the cartographies delineated in fiction. These considerations will be based on some short stories by Mário de Carvalho, Lídia Jorge, Murilo Rubião and Rubem Fonseca.

Keywords: Literary space; city; neighbourhood; threshold.

* Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (mjsimoes@fl.uc.pt).

As metáforas estimulam a imaginação.

Jorge Luis Borges

Todos os fenómenos se passam no espaço.

As «dimensões» dos objectos não estão neles, mas sim em nós.

São condições de sensibilidade, categorias de credibilidade.

A única realidade é a sensação.

Fernando Pessoa

Uma vez que o objetivo da investigação coligida na revista *Topus* se destina, principalmente, a estudar o espaço, proponho, neste artigo, uma viagem textual num comboio de ideias com três estações: 1.- Percursos introdutórios — algumas questões teóricas; 2.- Percursos ficcionais — molduras cidadinas; 3.- Percorso aberto: Coda com interrogações.

1. PASSEIOS INTRODUTÓRIOS — ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS

Com intuitos diferentes, tanto Jorge Luis Borges como Henri Lefebvre refletiram no poder mentalmente organizador da metáfora e no modo como está infiltrada na língua e na palavra. Borges destaca a metáfora como elemento fundador do ofício de poeta e Lefebvre, relembrando Nietzsche, salienta a importância da metáfora na organização do espaço social e na apreensão do espaço na sociedade. Reconhece, como Borges, que “as palavras, enquanto palavras, já são metafóricas e metonímicas” (LEFEBVRE, 2006, p.197), mas afirma que elas “vão além do imediato, além do sensível, ou seja, de um caos de impressões e de excitações” (*idem*), pois, na verdade elas situam-se no ponto de articulação entre o caos das impressões sensíveis e o tecido social com as suas hierarquias e poderes, uma vez que “uma sociedade é um espaço e uma arquitetura de conceitos, de formas e de leis, cuja verdade



abstrata se impõe à realidade dos sentidos, dos corpos, dos querereres, e desejos.” (*idem*, p.198). Ainda na senda de Nietzsche, o filósofo sublinha o pendor visual das metáforas e a forma como a metáfora e a metonímia “fazem surgir uma arquitetura mental e social sob a vida espontânea” (*idem*, p.199).

A força infiltrante, pérvia, alastradiça das metáforas, reconhecida há muito por escritores e filósofos, ganhou novo alento em 1980, com a publicação da obra *Metaphors We Live By* que George Lakoff publicou com Mark Johnson. Logo no início obra, os autores afirmam:

[...] a metáfora está entranhada na nossa vida quotidiana, não só na linguagem, mas também nos pensamentos e nas acções. O nosso sistema conceptual, que orienta o nosso pensamento e actuação, é de natureza fundamentalmente metafórica. Os conceitos que governam o nosso modo de pensar não são simples assuntos do intelecto. Também governam o nosso funcionamento diário até aos mais pequenos detalhes. [...]
Os nossos conceitos estruturam o que percebemos, como nos movimentamos no mundo e como nos relacionamos com as outras pessoas¹. (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 4)

De então para cá, o conhecido filósofo e linguista cognitivo George Lakoff tem-se dedicado ao estudo do modo como criamos molduras conceptuais e o que elas paradoxalmente ocultam e revelam em termos de significados políticos e ideológicos, sublinhando a ideia de que os enquadramentos são pregnantes de sentido.

As palavras são definidas relativamente a molduras ou enquadramentos, e ao ouvir uma palavra pode ser ativada uma moldura no cérebro daquele que a escuta — e as molduras do seu sistema. As palavras, por si mesmas, não são molduras. Mas, sob determinadas condições, as palavras podem ser escolhidas para ativar molduras desejadas. (LAKOFF, 2010, p. 6)².

¹ Tradução aqui aduzida a partir do original: [...] metaphor is typically viewed as characteristic of language alone, a matter of words rather than thought or action. [...] metaphor is pervasive in everyday life, not just in language but in thought and action. Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature.

The concepts that govern our thought are not just matters of the intellect. They also govern our everyday functioning [...]. Our concepts structure what we perceive, how we get around in the world, and how we relate to other people. (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 4).

² Tradução aqui aduzida a partir do original: “Words are defined relative to frames, and hearing a word can activate its frame — and the frames in its system — in the brain of a hearer. Words themselves are not frames. But under the right conditions, words can be chosen to activate desired frames. (LAKOFF, 2010, p. 6).



Será talvez produtivo revisitar alguns cronótopos elencados por Bakhtin, a partir destas noções de moldura e enquadramento conceptuais, na medida em que os cronótopos da aventura ou do encontro geram ou desencadeiam todo um conjunto de ações específicas, em locais particulares e com agentes característicos ou típicos destes cronótopos. Como esclarecem Nele Bemong e Pieter Borghart, em texto traduzido por Ozíris Borges Filho, a influência de Bakhtin no campo da *teoria da recepção* e da *hermenêutica* mais recente revela-se, por exemplo, na ideia de *memória dos gêneros* e na importância que se atribui à organização baseada na memória de elementos que se repetem. É neste contexto que se salientam os conceitos de *esquemas de memória* e *pacotes de organização da memória*, propostos por Bart Keunen, em 2000, que permitiriam ao leitor “reconhecer o cronótopo relevante e seu correspondente gênero narrativo” (*apud* BEMONG; BORGHART, 2015, p. 29). É ainda dentro desta linha de abordagem do conceito de cronótopo bakhtiniano, que Bart Keunen propõe a distinção entre “cronótopos motivicos” e “cronótopos genéricos”. (*apud* BEMONG; BORGHART, 2015, p. 21).

Naturalmente (e quase imperceptivelmente), a teoria bakhtiniana desliza para a ideia da centralidade do crónotopo na ficção, o que se espelha na seguinte frase-súmula de Bakhtine: “cada inserção na esfera do significado é realizada apenas através dos portões do cronótopo” (*apud* HOLQUIST, 2015, p. 45).

Uma outra conexão que poderá ser pertinente neste ponto tem a ver com as distinções traçadas por Henri Lefebvre relativamente ao modo como o espaço é apreendido, percebido e mentalmente representado. No que diz respeito a este aspeto, Stephan Günzel explica como a noção de “terceiro espaço”³, desenvolvida por Edward Soja, é influenciada pela teorização de Lefebvre :

Soja, no capítulo de introdução de *Thirdspace*, apresentou um sumário da ‘Trialectic of Space’ de Lefebvre. De modo a expandir a dialética de Marx sobre a interligação entre natureza e cultura [...], Lefebvre introduziu um terceiro termo para um espaço já transformado. [...] Lefebvre chamou a este (terceiro) espaço um ‘espaço representacional.’ Esta formulação ainda causa algumas interpretações erróneas quando Lefebvre fala do segundo espaço como uma representação do espaço ao mesmo tempo. [...] Para compreender a distinção entre o segundo e o terceiro termos podemos recorrer a uma outra tríade que Lefebvre utiliza para fazer distinções.

³ Stephan Günzel alude ao facto de ter sido Homi Babba o primeiro a utilizar o termo “terceiro espaço”, que será conceptualmente adensado por Soja.



Enquanto o primeiro espaço (real) é percebido individualmente, o segundo espaço (imaginado) é construído ou conceptualizado — principalmente por planejamento urbano ou a ciência em geral —, e o terceiro espaço, ou antes a terceira visualização do espaço (ou arquitetura), é o espaço onde se vive ou que é vivido. No mesmo sentido do 'mundo da vida,' este aspeto (remover 'c'?) implica um sujeito coletivo. (GÜNZEL, 2012, p. 318)⁴

Este entendimento do espaço como espaço vivido e experienciado implica a ideia de um espaço saturado de simbologia e de uma imagética, ou *imagerie*, culturalmente pregnante.

Abre-se, então, a possibilidade de uma abordagem estratificada do espaço, quer cultural, quer literariamente. Referindo Blanchot, Gérard Genette (1969, p. 47), em *Figures II*, fala de várias dimensões do espaço, da capacidade figurativa e dos efeitos de sentido, ao juntar a ideia de organicidade da memória cronotópica com o entendimento da espacialidade semântica, mas não estabelece distinções de análise. A atenção dos teóricos estruturalistas recaiu sobretudo no poder e nos mecanismos da descrição. É este deslizar para o lado da descrição que também encontramos, em certa medida, em Roland Barthes, nomeadamente no seu texto “L’effet de réel”, de 1968, onde este teórico salienta o carácter figural, marcando a importância da écfrase e da hipotipose. (BARTHES, 1982, p. 85-86).

Mais tarde, alguns teóricos com influência estruturalista falam da dimensão sintagmática e paradigmática do espaço, mas também de um nível menos literal de significação do espaço.

Por exemplo, Ansgar Nünning (cf. 2009, p. 39) distingue três dimensões da representação narrativa do espaço: “o eixo paradigmático da seleção, o eixo sintagmático da combinação ou configuração dos espaços narrados e o eixo discursivo da perspetivização”⁵

⁴ Tradução aqui aduzida a partir do original: “Soja, in the introductory chapter of *Thirdspace*, gave a summary of Lefebvre’s ‘Triad of Space.’ In order to open up Marx’s dialectic of the interplay between nature and culture [...], Lefebvre introduced a third term of an already transformed space. [...] Lefebvre called this (third) space a ‘representational space.’ This formulation still causes some misunderstandings as Lefebvre talks of the second space as a representation of space at the same time. [...] To understand the difference between the second and the third term, one can draw on another triad Lefebvre uses to draw distinctions. Whereas the first (real) space is perceived individually, the second (imagined) space is constructed or conceptualized — foremost by urban planning or science in general —, and the third space, or rather the third view of space (or architecture), is that of living or lived space. Just as in the sense of the phenomenological ‘lifeworld,’ this aspect implies a collective subject.” (GÜNZEL, 2012, p. 318)

⁵ Tradução aqui aduzida a partir do original: “the paradigmatic axis of selection, the syntagmatic axis of combination or configuration of narrated spaces and the discursive axis of perspectivization”. (*apud* MATSCHI, p. 190).



(*apud* MATSCHI, p. 190)⁶. Este teórico vai mais longe ao especificar variados aspetos formais da representação narrativa do espaço, para além da componente 'descrição', mais estudada, quando elenca as seguintes categorias: representação da consciência, situação narrativa e focalização, imagética e tropos, técnica monoperspetivística *versus* técnicas multiperspetivísticas. (*apud* MATSCHI, p.190)

Como se pode ver, em textos teóricos recentes, regressa-se um nível de análise do espaço que tem a ver com a capacidade imagética e figural do espaço que é percebido e perspetivado por uma subjetividade — uma subjetividade culturalmente partilhada. Para além da escolha e seleção dos espaços e da sua sintagmática, há uma significação espacial que decorre das molduras mentais partilhadas, a qual viabiliza a dimensão simbólica do espaço explorada por Bachelard. Na sua conhecida obra *A poética do espaço*, o filósofo vai perscrutar, como ele diz, a "relação entre imagem poética nova e um arquétipo adormecido no fundo do inconsciente", o qual emerge não de forma causal mas "dinâmica" (explosiva) (Bachelard, 1993: 183). Parece-me que a noção de moldura se situará antes de e mais à superfície do que esta dimensão simbólica arquetípica. Talvez seja a esta outra dimensão intermédia que se refere Tadié, quando diz: "Comparações e metáforas espaciais são uma sobreposição, uma sobreimpressão de lugares que desdobra o espaço em dois níveis, mesmo nos textos, em aparência, os mais rebeldes à transcendência."⁷

Será útil, então, observar como algumas destas molduras são utilizadas pelos escritores.

2. PASSEIOS FICCIONAIS — MOLDURAS CIDADINAS

O escritor Gonçalo M. Tavares concebeu um projeto de um conjunto de livros, subordinados a um título comum "O Bairro" dedicado a vários senhores, iniciando com seis: *O Senhor Valéry* (2002), *O Senhor Henri* (2003), *O Senhor Brecht* (2004), *O Senhor Juarroz* (2004), *O Senhor Kraus* (2005), *O Senhor Calvino* (2005).

⁶ Para além destes aspetos, Ansgar Nünning desenvolve os conceitos cruciais: Liminalidade; Representação literária do espaço (Liminality /Space spatial representation literary Liminalität / Raum raumdarstellung literarischer).

⁷ Tradução aqui aduzida a partir do original: « Comparaisons et métaphores spatiales sont une superposition, une surimpression de lieux qui dédouble l'espace en deux niveaux, jusque dans les textes les plus rebelles, en apparence, à la transcendance. ». (TADIÉ, 1978: 77).



Nesta concepção, é acionada a moldura do bairro característica da organização urbana, criando figuras inventadas que não apresentam uma colagem representativa biográfica relativamente às personalidades nomeadas, mas antes se apresentam como personagens nas suas relações de vizinhança, funcionando cada uma delas, sinodoicamente, como um habitante do bairro. Há, assim, a exploração de espaços traçados sintagmaticamente através de linhas e ruas, de direções que são apresentadas) por uma série de escolhas linguísticas reveladoras de percepções espaciais, de direcionalidade e de movimento — elementos estes já elencados por Oziris Borges Filho (2007, p. 123-133), na obra *Espaço e Literatura. Introdução à toponálise* — recaindo, essas escolhas, frequentemente, sobre pronomes demonstrativos, advérbios, preposições, locuções e verbos, etc.

Observe-se, então, um pequeno excerto de uma das obras da série “O Bairro”.

O Senhor Valéry era pequenino, mas dava muitos saltos.

Ele explicava.

- Sou igual às pessoas altas só que por menos tempo.

Mais tarde o senhor Valéry pôs-se a pensar que, se as pessoas altas saltassem, ele nunca as alcançaria na vertical. E tal pensamento desanimou-o um pouco. Mais pelo cansaço, [...] um certo dia abandonou os saltinhos. Definitivamente.

Dias depois saiu à rua com um banco. [...]

Mas nenhuma destas ideias era confortável ou possível, e por isso o senhor Valéry decidiu ser alto na cabeça.

Agora, quando se cruzava com as pessoas, na rua, concentrava-se mentalmente, e olhava para elas como se as visse de um ponto 20 centímetros mais acima. [...] O senhor Valéry nunca mais se lembrou das hipóteses do banco ou dos saltinhos, considerando-as agora, a uma certa distância, ridículas. Porém, concentrado de tal modo nesta visão, como que de cima, tinha dificuldade em se lembrar da cara das pessoas com quem se cruzava.

No fundo, com a altura, o senhor Valéry perdeu os amigos. (TAVARES, 2002, p. 7-10)

Neste pequeno excerto é possível observarmos a sintagmática do espaço e é possível percebermos os objetos (e sujeitos) no espaço, uma proxémica espacial, o movimento no espaço e a sua direccionalidade, ou seja, as perspetivas espaciais, tal como são apontadas por Oziris Borges Filho (2007, p. 129, 132), quando mostra como os advérbios, por exemplo, expressam as noções espaciais em diferentes perspetivas: horizontal, vertical, englobante e de movimento.



Estes e outros elementos compõem uma moldura representativa: o sujeito que habita um espaço, o bairro, e tem de se relacionar com os outros nesse espaço, e nas condições que nele se estabelecem, como aponta Osman Lins quando fala no espaço moldura⁸. Acontece que, aqui, o sujeito é “pequenino”, o que é possível ler metaforicamente como a condição do homem no mundo, análoga àquela exposta pelo “eu poético” que nos fala desde a sua mansarda, no poema “Tabacaria” de Álvaro de Campos:

Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa (...) (PESSOA,
1944)

Além do tópico da ínfima pequenez do homem no mundo, o senhor Valéry, sinodoquicamente, também expressa o modo como se lida com a diferença relativamente aos outros. Com efeito, na tentativa de apagar a sua diferença através da resolução de ver os outros de alto, numa “visão [...] de cima”, o Sr. Valéry deixa de ver o rosto dos outros e, com a altura, simbolicamente “perdeu os amigos”. Metaforicamente, podemos ler, aqui, uma posição de sobrançeria que conduz à perda do diálogo com os Outros, situação que, uma vez extremada, conduz à xenofobia.

Ora, este elemento é acentuado pela pertença do Sr. Valéry a um espaço social que é o bairro. Será útil, então, lembrar o que nos diz De Certeau:

O bairro impõe um saber fazer da coexistência que não pode decidir-se nem, simultaneamente, evitar-se: os vizinhos estão aí, na minha rua; é impossível evitá-los; há que “mostrar-lhes os dentes”, encontrar um

⁸ Ao falar de espaço e da ambientação, Osman Lins salienta também as suas funções, mas logo afirma que isso não significa “haver desvendado totalmente a razão de ser de um determinado cenário” (LINS, 1976, p. 97). Neste sentido, o crítico diz que o cenário, enquanto moldura, pode ganhar uma dimensão metafórica, pois os elementos e objetos desenham no “plano da microestrutura” (*idem*, p. 109), os “valores simbólicos” (*idem*, p. 104) que pertencem a um nível macroestrutural. Assim, “[a] funcionalidade do espaço [...] se bem possa ser entrevista no plano da micro-estrutura, só em face da estrutura global será aferida com precisão. Pode então suceder que uma unidade inserida no texto e que, a um exame mais restrito nos pareça monográfica, dado que não se relaciona com as personagens e seus atos, revele, dentro do conjunto, a função que antes nos escapava.” (*idem*, p.109).



equilíbrio entre a proximidade imposta pela configuração dos lugares e a distância necessária para salvaguardar a vida privada de cada um⁹.

O bairro é, assim, um elemento espacial que é uma sinédoque da cidade, o que é aproveitado pelos escritores para estabelecerem a representação de relações sociais através das relações espaciais: diz-me em que bairro moras, dir-te-ei que dinheiro tens ou a que classe pertences...

Um outro exemplo desta exploração metafórica das relações de distância espacial entre as gentes pode ser encontrado na narrativa, profundamente crítica, “A menor mulher do mundo”, que Clarice Lispector incluiu em *Laços de Família*.

A narrativa organiza-se com um pano de fundo dicotômico de dois espaços. Por um lado, o espaço da região Likouala, do interior do Congo na África Equatorial, onde o explorador suíço Marcel-G. Prêtre encontra e fotografa uma pequenina mulher de uma etnia de pigmeus; por outro lado, Clarice vai opor o espaço vivencial desta mulher que trepa às árvores e aí dorme para sobreviver no meio duro da selva, seu espaço vivencial, com o espaço da recepção da fotografia em diversos apartamentos — deduz-se que situados em cidades europeias. Num apartamento, uma senhora desvia os olhos do jornal; noutra apartamento um menino esperto tem a ideia de como seria engraçado pregar partidas ao irmão com essa mulher pequenina, imaginando-a como um brinquedo; noutra apartamento, uma senhora imagina-a “servindo à mesa”; noutra apartamento, uma ardente moça adolescente imagina o “tamanho do homenzinho dela”, etc... Para além da crítica acerada de Clarice ao desejo de “posse”, que ressuma das reações burguesas, o que se destaca é essa relação entre os desejos e os anseios dessa burguesia e o seu conforto de vivência espacial no espaço ‘apartamento’ de uma cidade, o qual funciona sinodoquicamente como um espaço ‘civilizado’, em contraste com um espaço ‘selvagem’ e ‘estranho’.

Será que, aqui, poderíamos falar do cronótopo motivico do apartamento?

O apartamento é um espaço muito utilizado pelos escritores contemporâneos e surge, com muita frequência, em obras da Literatura Infanto-juvenil, com as suas variantes e

⁹ Tradução aduzida aqui a partir do original: “El barrio impone un saber hacer de la coexistencia que no puede decidirse ni evitarse al mismo tiempo: los vecinos están ahí, [...] en mi calle; imposible evitarlos siempre; “hay que arreglárselas”, encontrar un equilibrio entre la proximidad impuesta por la configuración pública de los lugares, y la distancia necesaria para salvaguardar su vida privada.” (CERTEAU; GIRARD Y MAYOL, 1998, p.13).



com os seus elementos espaciais contíguos: o prédio, os andares, os vizinhos, a porteira, o condomínio e, mais latamente, o bairro.

Trata-se de um cronótopo, também explorado por Rubem Fonseca nos contos da obra *Amálgama (et pour cause)*, nomeadamente no conto “Borboletas”, através do protagonista José:

“Estou pensando em escrever um livro para velhotas solitárias.”

“O quê? Está maluco? Velhotas solitárias gostam de ir ao teatro de van. E sabe por quê?” [...]

“Primeiro elas têm a oportunidade de sair de casa, a van as apanha, leva ao teatro e traz de volta. Saem de casa, entendeu? Toda velhota quer sair de casa de noite; quando está lendo, ela não sai de casa, fica de camisola, pijama, ou lá o que for, cochilando com o livro no peito. Mas quando vai ao teatro, ela se arruma toda, precisa ir à manicure, ao cabeleireiro, entendeu?”

Essa foi, em resumo, a conversa que eu tive com o meu editor, antes de parar de escrever. [...]

Quem resolveu o meu problema foi uma velhota solitária.

Ela morava no mesmo prédio, eu no terceiro andar, ela no quarto. Sempre nos encontrávamos no elevador, e eu a cumprimentava gentilmente. Ela invariavelmente assumia uma atitude sedutora. (FONSECA, 2013)

Muito interessante, em termos de espaço, é o conto “O ciclista” de Rubem Fonseca (também inserido na obra referida), pois este conto avança, como moldura espacial, o emaranhado espaço das ruas da cidade. Eis o que diz o protagonista:

Quando terminei o curso primário, arranjei um emprego [...].

De bicicleta eu fazia a entrega de produtos de beleza [...]

Andando de bicicleta pela cidade a gente tem uma boa ideia do mundo. As pessoas são infelizes, as ruas são esburacadas e fedem, todo mundo anda apressado, os ônibus estão sempre cheios de gente feia e triste. Mas o pior não é isso. O pior são as pessoas más, aquelas que batem em crianças, que batem em mulheres, urinam nos cantos das ruas. Andando na minha bicicleta, vejo tudo isso e chego em casa preocupado [...]

Outro dia [...] a sorte sorriu para mim [...]. Encontrei os dois moleques que haviam assaltado a velhinha seguindo outra na rua. Pedalando mais depressa passei rente a um deles e dei-lhe um soco na nuca. O puto caiu estatelado no chão. [...]

Não sei o que deu em mim. [...]



Todo dia fico procurando em cima da minha bicicleta alguma pessoa má para punir. Os maus devem ser punidos, e não digo isso como um coroinha falando na igreja [...] eu digo isso porque odeio gente má. (FONSECA, 2013).

Este é um exemplo de “espaço hodológico”, de acordo com o entendimento que dele faz Otto Bollnow (2000, p. 209), quando afirma: “O espaço hodológico significa “a mudança que ocorre no espaço concretamente vivido e vivenciado por meio daquilo que nós até aqui já denominamos a acessibilidade diferenciada dos objetivos espaciais.”.

Este espaço hodológico, aqui, — o espaço otimizado para o ciclista punir os maus — tem uma dimensão metafórica complexa: por um lado, há uma colocação satírica da decadência das ruas esburacadas, das esquinas sujas, dos transportes apinhados, que dá conta da pobreza e das assimetrias sociais; por outro lado, é lançado um olhar trágico-humorístico sobre o modo como essas assimetrias geram o querer fazer Justiça por mãos próprias. O sentido simbólico do percurso hodológico está ligado a algo preocupante na cidade contemporânea: *a vivencia do cotidiano e da cidade com a sua violência*.

3. PASSEIO ABERTO: CODA COM INTERROGAÇÕES

Bart Keunen, na sua análise do texto bakhtiniano sobre as formas do cronótopo, publicado na obra *Bakhtine e o cronótopo*, traduzido por ou com a supervisão de Oziris Borges Filho, distingue “Imagens de afeição”, “Imagens de Ação” e “Imagens da relação”. Sem demorarmos, agora, nesta tríade, interessa salientar a ideia expressa pelo crítico de que as “Imagens de Relação” se colocarão numa dimensão de “terceiridade” (bebida no pensamento de Peirce), ordenando-se na “ordem simbólica” (KEUNEN, 2015, p. 72). Segundo o crítico, “com imagens de relação nos encontramos no nível do mental, no nível da construção intelectual, ou — dentro de um quadro bakhtiniano — no nível dos cronótopos dominantes ou genéricos.” (*idem*).

Todavia, pelo caminho percorrido até aqui, interrogo-me — e partilho essa interrogação aqui para podermos todos nela refletir — se é produtivo reservar essa dimensão da ordem do simbólico apenas aos cronótopos genéricos, e se não é mais útil estendê-la também aos cronótopos motivicos. Na verdade, anteriormente, no seu texto de 2000, Bart Keunen afirmava:



As teorias cognitivas, conhecidas vulgarmente como teorias de esquema, apresentam um corpus teórico que parece elucidar os cronótopos de Bakhtin. O conceito de 'esquema,' como definido pelas teorias de processamento de informação e do discurso, permite clarificar a função cronotopicidade na comunicação literária. (KEUNEN, 2000, §2)¹⁰.

Nesta afirmação, a ideia de esquema e moldura tem uma aplicação mais lata, pois clarifica a cronotipicidade da comunicação literária em geral.

Deixo ainda outra pergunta em aberto, para a qual me conduziram as reflexões anteriores: será possível, de modo semelhante à distinção entre o processamento horizontal da enumeração e processamento vertical do pormenor, proposta por Philippe Hamon, para a descrição, será possível, dizia, pensar esta dimensão cognitiva do espaço, originada segundo um eixo paradigmático, como sendo diferente daquela originada pela percepção da disposição dos elementos espaciais num eixo sintagmático?¹¹

Num primeiro momento, talvez mais que metafórica, esta relação paradigmática é sinedóquica. Nesse sentido, não deveria eu mudar o título da minha intervenção e onde está 'metáfora' colocar 'sinédoques'?

Convém, no entanto, alertar para o seguinte aspeto: se esta distinção se revelar útil, ela deve ser realizada por motivos de análise, sendo importante não se perder de vista a noção do interrelacionamento entre os dois procedimentos, ou seja, desde que se abandone um pensamento meramente opositivo e dicotómico para abraçar um pensamento relacional, pois só este último poderá dar conta das metáforas da rede que dominam a nossa sociedade e o nosso viver quotidiano neste emaranhado mundo.

Terminarei com uma provocação, tomando de empréstimo algumas perguntas realizadas pelo escritor Gonçalo M. Tavares, na crónica "Onde se pensa?" :

Cada vez, diga-se, pensamos em menos espaços. Os espaços de pensamento estão a desaparecer. No teatro diz-se (já ouvimos muitas vezes): o teatro não é para pensar. No cinema diz-se: o cinema não é para pensar. Na arte diz-se: a arte não é para pensar. Na literatura diz-se: A literatura não é para pensar. Nos jornais: os jornais não são para pensar [...]

¹⁰ Tradução aduzida aqui a partir do original: "A body of theories that would especially seem to elucidate Bakhtin's chronotopes is provided by the cognitivist theories commonly known as schema theories. The concept of "schema" as defined by information processing and discourse processing theories is able to clarify the function of chronotopicity in literary communication." (KEUNEN, 2000, §2).

¹¹ . Cf. HAMON, 1993, p. 62-64.



e etc. A questão que fica é: então, onde é que se pensa? No quarto sozinhos? Fechados na casa de banho? Num submarino? Pensar tornou-se quase sinónimo de incomodar os outros. [...]
Acredito que com o tempo poderá surgir uma espécie de aldeia de pensadores debaixo do chão [...] e que ali continuará, nas profundezas, a pensar; a pensar muito. Uma comunidade de pensadores-mineiros. Ou melhor, uma comunidade de pensadores transformados, à força, em mineiros. Descubram metal valioso, sim, mas lá em baixo. Uma cidade abaixo do nível do chão. (TAVARES, 2013: 8)

Se olharmos o mundo que nos rodeia, percebemos não só a preocupação do escritor, mas também as metáforas e as analogias que utiliza para dizer o perigo sentido.

Mas creio que eventos como as Jornadas de Estudos sobre o Espaço Literário, organizadas pelo grupo de pesquisa *Topus*, sendo eventos dedicados à investigação sobre o espaço na literatura e, por essa via, o espaço que nos rodeia, são eles próprios espaços criados para fazer fluir o pensamento e a reflexão e, por isso, todos os que participam nessa investigação ajudam a oferecer, ao escritor e a *tutti quanti*, um espaço para pensar.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 1ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARTHES, Roland *et alii*. **Littérature et réalité**. Paris: Seuil (Points), 1982.
- BEMONG, Nele; BORGHART, Pieter. A teoria bakhtiniana do cronótopo literário: Reflexões, aplicações, perspectivas. In BEMONG, Nele *et alii*. **Bakhtin e o do cronótopo: Reflexões, aplicações, perspectivas**. S. Paulo: Parábola editorial, 2015.
- FONSECA, Rubem. **Amálgama**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2013.
- GÜNZEL, Stephan. Space and Cultural Geography. In NEUMANN, Birgit; NÜNNING, Ansgar (eds). **Travelling Concepts for the Study of Culture**, Vol. 2, p. 307-320, 2012. (Acesso em 28-10-2021; disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110227628>).
- HAMON, Philippe. **Du descriptif**. Paris : Hachette, 1993.
- KEUNEN, Bart. Bakhtin, Genre Formation, and the Cognitive Turn: Chronotopes as Memory Schemata. **CLCWeb: Comparative Literature and Culture** 2.2, 2000. (Acesso em 28-10-2021; disponível em: <http://docs.lib.purdue.edu/clcweb/vol2/iss2/2> doi: <https://doi.org/10.7771/1481-4374.1069>).
- KEUNEN, Bart. A imaginação cronotópica na literatura e no cinema: Bakhtin, Bergson e Deleuze em formas do tempo. In BEMONG, Nele *et alii*. **Bakhtin e o do cronótopo: Reflexões, aplicações, perspectivas**. S. Paulo: Parábola editorial, 2015.



LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. Why It Matters How We Frame the Environment. In **Environmental Communication: A Journal of Nature and Culture**, vol. 4, issue 1, March 2010.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

PESSOA, Fernando. **Poesias de Álvaro de Campos**. Lisboa: Ática, 1944 (imp.1993). (Acesso em 28-10-2021; disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/163>).

TADIÉ, Jean-Yves. **Le récit poétique**. Paris : PUF, 1978.

TAVARES, Gonçalo M. Onde se pensa?. In Revista **Visão** de 22 de agosto de 2013.

Recebido: 23/04/2022

Aprovado: 17/05/2022

